Eliana Lucia Ferreira
Tereza Cristina Bellosi
(organizadoras)

Eu faço parte desta história:
inclusão na Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora
NGIME/UFJF
2014

© 2014 by Eliana Lucia Ferreira, Tereza Cristina Bellosi (organizadoras)
Direitos desta edição reservados ao NGIME/UFJF.

Capa, projeto gráfico, diagramação:
Gabriel Schuery Custódio

Revisão:
Andressa Marques Pinto

Os textos são de responsabilidade total de seus autores.

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

E86 Eu faço parte desta história : inclusão na Universidade Federal de Juiz de Fora / Eliana Lucia Ferreira, Tereza Cristina Bellosi (organizadoras). — Juiz de Fora : NGIME/UFJF, 2014.
134 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-67380-21-6

1. Deficientes físicos – Brasil - Biografia. I. Ferreira, Eliana Lucia. II. Bellosi, Tereza Cristina.

CDD 920.936243

Reitor
Henrique Duque de Miranda Chaves

Vice-reitor
José Luis Rezende Pereira

Secretário de Desenvolvimento Institucional (SEDESI)
Flávio Iassuo Takakura

Coordenadora de Acessibilidade Educacional, Física e Informacional (Caefi)
Eliana Lucia Ferreira

Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância (NGIME)
Eliana Lucia Ferreira

NGIME
Rua José Lourenço Kelmer, s/n | Campus Universitário S/N – Bairro São Pedro
CEP 36036-900 | Juiz de Fora – MG
Telefone: (32) 2102-3283

O universalismo que queremos hoje
é aquele que tenha como ponto em
comum a dignidade humana. A partir daí,
surgem muitas diferenças que devem ser
respeitadas. Temos direito de ser diferentes
quando a igualdade nos descaracteriza.

(Boaventura de Souza Santos)

SUMÁRIO

Prefácio 7

1 Introdução 11

2 Relatos de história de vida e a inclusão na UFJF 27

Adilson Vicente Correia 29
Aline de Souza Sid 33
Denise da Silveira Gomide 53
Jerry Fernandes de Souza 63
Maria Alice de Souza Vicente 69
Marcos Antônio Gomes Barbosa 75
Rafael Corrêa Gomes da Silva 83
Rosiane Lopes Pereira 93
Thiago da Costa 101
Wladimir da Matta Stefano 107

3 Coordenação de Acessibilidade Educacional, Física E Informacional (Caefi/UFJF) 115

Lívia Fabiana Saço 117
Rita de Cássia Guedes Brito 123

4 Relatos dos alunos-bolsistas da Caefi.....129

Danilo Pereira dos Santos.....131
Felipe Alhadas Cordeiro.....131
Jerry Fernandes de Souza.....133
Rafael Mascarello.....135
Ramon Cezário Lamas.....136
Rosiane Lopes Pereira.....136
Sara Helena Gonçalves Vieira.....137
Scarlate Vieira.....138
Thais Almeida Magalhães Maurício.....139

Prefácio

O livro aqui ora materializado, faz parte de uma proposta da equipe de Acessibilidade da Universidade Federal de Juiz de Fora. A proposta foi de conhecer as histórias de vida dos nossos alunos com deficiência e perceber as construções de suas identidades profissionais e pessoais, mas nos foi dado perceber, também, uma riqueza de sentidos da vida.

O grande legado desta obra é que ela nos leva a refletir

sobre novas possibilidades educacionais, repensando não mais a formação para os diferentes, mas a formação com os diferentes, para que a diferença seja a marca de uma nova sociedade.

A questão da inclusão que transparece nos discursos dos atores deste livro é visível, mas há, ainda, na minha perspectiva, outra questão conjuntural: que é a constituição das subjetividades dos alunos enquanto profissionais a serem inseridos no mercado de trabalho e a sua procura por eficácia. Nesse sentido, a relevância desta obra está no fato de as autoras utilizarem como estratégia de escrita o peso da ação social sobre as questões educacionais e integrarem como estratégia de escrita a (des)construção e, ao mesmo tempo, a construção das identidades do Adilson, da Aline, da Denise, do Jerry, da Maria, do Marcos, do Rafael, da Rosiane, do Thiago e do Wladimir, que representam muitos outros alunos com deficiência no ensino superior brasileiro.

Tem-se presente diferentes vozes que situam e que identificam vozes dos diversos atores e que nos permitem compreender um novo universo, nos possibilitando perceber e reconhecer a heterogeneidade de uma universidade.

Os discursos aqui relatados/apresentados emergem de sonhos que estão sendo concretizados e de mudanças educacionais e sociais que foram e são possíveis a partir do momento em que se cria, se proporciona e se efetiva políticas de respeito individual.

Os depoimentos que fazem parte deste livro nos levam à compreensão de que a diversidade, o respeito e a valorização do outro configuram as formas da comunidade universitária atual, o que me leva a dizer que, no âmbito da UFJF, todos fazem parte de uma mesma história.

Flávio Iassuo Takakura
Secretário de Desenvolvimento Institucional (SEDESI/UFJF)

1

Introdução

A história de vida não pode ter um sentido, mas uma multiplicidade de sentidos – na concepção de Pierre Bourdieu[1] - o relato não corresponde necessariamente ao real, a vida não é uma história. O que importa é a percepção que o sujeito dá a esse

---

[1] BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FIGUEIREDO, Janaina P. A. B., FERREIRA, Marieta M. **Usos e abusos da história oral.** 8ª Ed., Rio de Janeiro: FGV, 2006, pp. 183-191.

real, de forma que o momento de análise posterior dê conta do indivíduo como um ser social.

O relato colhido durante o ano de 2013 com alguns alunos deficientes na Universidade Federal de Juiz de Fora, é uma "produção de si" que o sujeito elabora e não uma "apresentação de si". A maneira como esse aluno conta a sua história oferece o acesso a outras dimensões, como ao sociológico, à ponte entre sujeito/coletivo. Ao contar sua vida, ou partes dela, ele fala de seu contexto – fala do processo por ele experimentado, vivenciado, intimamente ligado à conjuntura social onde ele se encontra inserido. Ao se trabalhar o vivido subjetivo dos sujeitos, temos acesso à cultura, ao meio social, aos valores, oferecendo a oportunidade de dar voz àqueles que pouco são ouvidos ou tenham um pequeno espaço para expor-se.

Foi nos anos de 1970 que o sociólogo alemão Fritz Schütze[2] desenvolveu um método de geração e análise de dados

[2] SCHÜTZE, F. Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: How to analyse autobiographical narrative interviews-Part 1. Module B.2.1. **INVITE-Biographical counseling in rehabilitative vocational trainingfurther education curriculum,** 2007. Disponível em: http://www.uni-magdeburg.de/zsm/projekt/biographical/1/B2.1.pdf, Acesso em 04/11/2013.

narrativos conhecido como Entrevista Narrativa, cuja principal característica é a exploração de narrativas "improvisadas", isto é, relatos que o entrevistado produz sem preparação e sem a interrupção do entrevistador. É um método qualitativo e o procedimento de sua análise serve para comprovar ser uma metodologia de investigação qualitativa potente para entender, a partir da prática dos sujeitos, objeto de estudo, os processos biográficos e sociais do contexto cultural em uma sociedade ou grupo determinados.

Essa metodologia da entrevista narrativa autobiográfica é baseada em três quadros teóricos: interacionismo simbólico, fenomenologia social e a etnometodologia , que explicam o conceito sociológico e preconceitos de certa base sociolinguística. Quanto aos quadros teóricos, as suas principais características são apresentadas para explicar as tradições científicas que "nutrem" a entrevista narrativa.

O interacionismo simbólico parte do princípio de que a realidade social é formada e desenvolvida com base nas interações entre os membros da sociedade. O processo de desempenho é antecipado simbolicamente por meios linguísticos simbolicamente entre os membros da sociedade que são, por exemplo, a notificação do processo e as

negociações com discrepâncias frequentes entre o planejado e o real. O transcurso interativo de ações produz uma nova realidade social (emergente), que não se pode antecipar. Assim, a realidade social não é concebida como algo estático, mas se desenvolve em uma interação dinâmica, na qual são criados continuamente novos aspectos de atuação. Isso significa que, a construção das identidades dos grupos sociais ou individuais, são imperceptíveis ou alteradas drasticamente pela ação social. Assim, a respectiva investigação social preocupa-se com as interações sociais e, especialmente, a análise de sequências interativas dos processos sociais.

A metodologia da entrevista narrativa também leva em conta os princípios da fenomenologia social baseado no pensamento de Schütz (1971) e Berger & Luckmann (1985)[3] de que o conhecimento diário e regras naturais orientam a vida social cotidiana. A realidade social é, nesse sentido, construído pelos mesmos membros da sociedade. Tem sua relevância especialmente quando questiona os mecanismos de como os

[3] BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1985

membros da sociedade são apropriados individualmente por essas regras sociais e como elas influenciam na prática social.

A Etnometodologia e a Análise da Conversação, sobretudo, cumprem um papel como marco de referência enquanto entendimento da situação comunicativa da entrevista narrativa autobiográfica como método e como análise. O práticas científicas orientam a análise formal de apresentação linguística das experiências pessoais. Especificamente, levando em consideração os conhecimentos sobre a microestrutura das negociações como interação no ato verbal.

A metodologia da entrevista narrativa autobiográfica parte da hipótese de que a narrativa de experiências pessoais e de história de vida, sem preparação, provoca uma maior aproximação com os fatos realmente experimentados. Como se explica a homologia entre narração e fatos sociais?

A partir de estudos sociolinguísticos, Schütze (1977) verificou a existência de três tipos de sistemas de comunicação para expor os fatos sociais: a narração, descrição e argumentação.

Em relação à narrativa, descobriu que existem princípios básicos e intersubjetivos que estruturam o esquema comunicativo. Estes princípios provocam o ordenamento sequencial do somatório das experiências autobiográficas, em

termos de estrutura formal ou de conteúdo. Os sedimentos das experiências autobiográficas se podem verificar e analisar através de marcas linguísticas (elementos linguísticos da mudança) como, por exemplo, "Então", "depois", "mais tarde", "algum dia", por conjunções – "e", "mas" – e fenômenos paralinguísticos, como pausas, interrupções, correções provocadas pelo próprio narrador e, também, por fenômenos de entonação.

As narrativas podem ser consideradas coercitivas, pois apresentam-se como uma pressão psicológica que influencia o narrador quando ele conta sua história de vida, sem preparação. Dentro deste esquema comunicativo da narrativa, ele é obrigado a mencionar fatos e experiências que são difíceis de se lembrar, por ser doloroso ou vergonhoso, que a interação diária normalmente não menciona.

Antes de realizar a entrevista narrativa autobiográfica faz-se necessário produzir uma situação de confiança. São as atividades prévias do contato com os sujeitos e informá-los sobre o contexto da pesquisa. Antes de iniciá-lo é aconselhável para "aquecer" e relaxar a situação desenvolvendo uma conversa diária. É necessário demonstrar um interesse genuíno na pessoa e suas experiências. É preciso gravar a entrevista e, portanto, é essencial pedir permissão para usar o gravador. Nos preparativos

também se devem esclarecer o procedimento de entrevista e garantir a integridade do processamento de dados e para a publicação.

O convite para contar sua história de vida pessoal é a atividade inicial que impulsionará a narrativa autobiográfica. Não há uma pergunta inicial padronizada, mas é necessário levar em conta as regras sociais, sem ser demasiado cuidadoso. O comportamento do entrevistador durante a entrevista / narração inicial, não para interromper, tem que ser de ouvir e tomar notas até o entrevistado ressaltar que ele tenha terminado sua história.

Podem distinguir-se duas partes importantes da entrevista: ela começa sempre com a narrativa principal. Depois de ter ratificado o esquema comunicativo e contar sua história de vida pessoal, o entrevistador não faz nenhuma pergunta, ou interrompe a narrativa. Assegura para o entrevistado que está escutando atentamente, como sinais de recepção ("mhm", "Se", balançando a cabeça, etc.). De forma moderada também é possível, às vezes necessário, reagir emocionalmente (interjeições de surpresa, de simpatia). A narrativa principal termina quando o narrador assim a designa ("esta tem sido minha vida"). Só

então vem o momento de fazer perguntas, que tem duas fases. Primeiro, deve-se fazer perguntas imanentes. São perguntas que convidam para narrações adicionais, relativas a pontos ou episódios que ainda não foram compreendidas no contexto global da narração inicial, temas que não foram totalmente tratados. São perguntas que devem ser feitas para descobrir as razões de atitudes, ações e eventos. São perguntas para saber mais sobre tópicos especiais.

A última parte da entrevista pode ser considerada como a saída. É aconselhável para falar um pouco mais com o entrevistado, após as perguntas, e depois de ter perguntado se ainda há algo a ser acrescentado, mesmo depois de desligar o gravador de voz. Para concluir a entrevista, passa-se para conversas cotidianas, deixando o narrador à vontade.

A transcrição, após as entrevistas, é um protocolo da entrevista e deve conter palavra por palavra do que foi narrado, inclusive os fenômenos paralinguisticos. Cada pesquisador gera um código próprio, seguindo algumas regras básicas. O código gerado para a transcrição de entrevistas serão utilizados mais tarde, na análise das informações.

Em seguida, passamos para o procedimento de análise, que tem etapas diferentes, permitindo diferenciar e descrever de forma consecutiva. No início da análise separa-se a parte da narrativa principal das perguntas subsequentes. A análise começa sempre com a parte da narração principal, que identifica a cadeia de eventos e a linha comum da história de vida; descrição, para contextualização dos fatos, pessoas e situações; e, argumentação, que é a explicação prática de intenções e motivações da ação, da ordem de eventos, razões de fundo, etc. Esta análise é importante principalmente porque as narrativas servem para identificar os sedimentos das experiências pessoais.

A análise formal do texto tem por objetivo identificar os segmentos narrativos das perguntas onde começam e onde terminam os diferentes aspectos das experiências pessoais. Se baseia em marcas linguísticas e paralinguisticas, já mencionado: "então", "depois", "mais tarde", etc. que estão na parte narrativa da entrevista.

A descrição estrutural do conteúdo dos segmentos narrativos baseia-se em quatro princípios de análise: Nos fenômenos estruturais do texto – isto significa que é dirigido à ordem interna para estruturar as experiências biográficas

sedimentadas. O segmento de narrativa correspondente também tem uma estrutura interna composta dos fenômenos da introdução, frases-chave, detalhes desta mensagem principal, avaliação de sedimentos biográfico, que devem ser identificados. Outros fenômenos textuais são a construção do plano de fundo com que o entrevistado se volta na ordem cronológica de sua narração, para explicar os fatos e experiências muitas vezes dolorosas e marcantes, os aspectos linguísticos que anunciam, avaliam e apresentam, que estão estreitamente vinculados aos processos biográficos estruturais.

A análise do texto é sempre orientada levando em consideração a relação entre os sedimentos biográficos. Investiga como eles estão relacionados a eventos e experiências apresentadas e precisa relacioná-los a processos coletivos, históricos, biográficos, culturais, etc. É extremamente importante procurar estruturas textuais que se repetem durante a entrevista, porque eles são possíveis indicadores de trajetórias biográficas, feridas biográficas, etc.

O princípio analítico dos fenômenos de contraste baseia-se no pressuposto de que existe uma homologia entre as experiências lembradas na situação da entrevista narrativa e

as vividas na situação real. Não é possível para o narrador ter a perspectiva de um Observador. O significado das experiências e eventos somente poderão ser explicados através de uma estrutura segmentar.

Depois de ter analisado as principais características dos segmentos da narração, também as informações adicionais são levadas em conta como as perguntas subsequentes.

Multidisciplinar, a Entrevista Narrativa tem sido utilizada em diferentes tipos de problemáticas na pesquisa social, acompanhando o recente avanço dos estudos biográficos e o interesse generalizado por métodos que equilibrem as perspectivas micro e macrossociais. Esses estudos envolvem temáticas como migração, trauma de guerra, manejo e reestruturação de carreiras profissionais, enfrentamento de doenças graves, marginalização de segmentos populacionais e outras.

Tais entrevistas visam o registro de suas narrativas autobiográficas para obtenção de informações sobre trajetórias pessoais na perspectiva do próprio aluno, para compreender os atores sociais em seus próprios termos. O estudo de narrativas autobiográficas com alunos da UFJF, com algum tipo de

deficiência, aqui proposto, é caracterizada por ostentar uma estrutura narrativa; tal estrutura de fato é concebida como "princípio organizador" da experiência humana, o qual permite que os indivíduos tornem inteligíveis as situações, eventos e ações ocorridos no curso de suas vidas. Central é o entendimento sobre como os seres humanos fenomenologicamente experimentam o tempo e se orientam em relação a ele. De fato, a interpretação dos muitos episódios que configuram uma vida parece exigir uma articulação de tipo narrativo nas culturas humanas. "Quem eu sou" exige que eu construa um enredo dispondo os fragmentos do vivido numa sequência temporal e consequencial inteligível. O objetivo destes pequenos

Eliana Lucia Ferreira
Coordenadora de Acessibilidade Educacional, Física e Informacional (Caefi/UFJF)

relatos é compreender como o deficiente pensa, sente e reflete sobre suas experiências em nossa Instituição. As histórias contadas poderão iluminar os processos de interação individuo-universidade-sociedade-cultura que ocorrem nas circunstâncias particulares que envolvem os narradores e com isso, vislumbrar potenciais de mudanças de comportamento de toda a comunidade acadêmica e respeito nas trajetórias construídas pelos próprios narradores na situação de entrevista. Por conta do enredo, as histórias podem tornar mais transparentes e concretas as articulações entre "fatores" e "dimensões" de inclusão e respeito, características de uma Universidade democrática e cidadã.

Tereza Cristina Bellosi
pesquisadora do Núcleo do Grupo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância (NGIME)

2

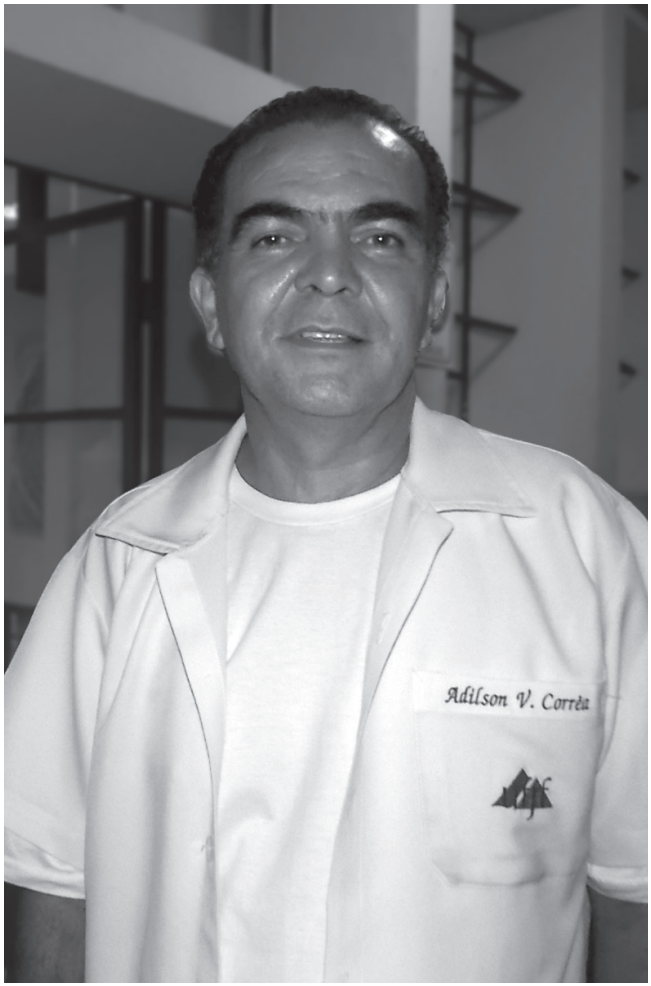
Relatos de história de vida e a inclusão na UFJF

Adilson Vicente
Correia

Somos o que fazemos, mas somos
principalmente o que fazemos
para mudar o que somos.

(E. Galeano)

Formado na 1ª turma do curso de Administração a distância, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2010, aos 49 anos, Adilson superou dificuldades de deslocamento de sua cidade – Barbacena – para Juiz de Fora todas semanas, participando das aulas presenciais, que esta modalidade de ensino exige ao graduando.



Na verdade, um deslocamento a mais por semana, pois como funcionário da instituição desde 2003, aprovado em concurso público nas

cotas para deficientes[1], na função de técnico em Enfermagem, esse trajeto já lhe era conhecido. Aproveitando a oportunidade de vagas criadas nesse curso para funcionários, com o objetivo de qualificação do corpo técnico-administrativo, fez vestibular interno em 2006[2]. Uma oportunidade criada e prontamente aproveitada pelo servidor, já que era um desejo antigo. Casado, pai de filhos em idade escolar, acaba por priorizar a família, a formação da prole, se deixando um pouco de lado, "para trás":

---

[1] As vagas para deficientes em concursos públicos está prevista na Constituição Federal e também em outras leis que estabelecem regras acerca da porcentagem que deve ser reservada. "A Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, que rege o servidor público civil federal, define que até 20% das vagas devem ser destinadas aos deficientes, desde que as atribuições do cargo sejam compatíveis com a deficiência. Ainda, o Decreto nº 3.298 de 1999, que regulamenta a Lei nº 7.853/89, determina o percentual mínimo de 5% para os candidatos com deficiência.

[2] Na verdade, essa turma foi criada através de um convênio entre a UFJF e o Banco do Brasil, para que este banco pudesse dar formação aos seus funcionários, mas, a então reitora, Maria Margarida Martins Salomão, no final de seu segundo mandato, concordou com o convênio com a premissa de que funcionários da casa pudessem também participar da seleção. Criou, então, vagas para tal público, abrindo precedentes para os cursos voltados à qualificação do corpo técnico da instituição.

> E ai apareceu essa oportunidade e ai não ia ter muito custo; eu arrisquei, fiz, e graças a Deus eu passei; eu consegui passar e fui, fui enfrentar, com aquele friozinho na barriga. Com medo, com muito medo, porque as barreiras que eu tenho, que seria nos caso a deficiência e a novidade, porque eu trabalho na área de saúde. Administração envolve o hospital inteiro, até você ter uma noção... valeu muito, contribuiu muito no meu profissional, em vista do meu serviço também. [...] Aquele incentivo, aquela vontade de ter esse certificado, que vai valer apena pra você. Tanto que valeu pra mim! Contribuiu muito, me valeu, e... tive o reconhecimento da Universidade, e, melhorou o salário também! Então, é um incentivo que a instituição dá pra gente. Pra gente estudar, pra se capacitar, pra gente atender melhor, os pacientes no meu caso, e, melhor, também seu salário. É importante!

Mas a informação nem sempre foi clara e os direitos revelados. Antes de prestar concurso para a UFJF, Adilson fez vários concursos públicos, foi aprovado nas provas, mas

sempre esbarrava em sua deficiência[3] – resultado de uma paralisia infantil – nos exames médicos, como, por exemplo, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (carteiro), Polícia Civil de Minas Gerais (auxiliar de Necropsia), o que gerava muita "revolta" – o sentimento que melhor descreve a sua decepção, sua exclusão. Mesmo na Santa Casa de Misericórdia de Barbacena, onde trabalhou por mais de 20 anos, teve um início difícil, pois gerava dúvidas na administração do hospital em contratá-lo e não conseguir desenvolver as suas funções. Mas, o contato com a dor e os problemas dos pacientes gerou a vontade de mudanças, de perceber que era capaz de realizar qualquer aspiração na vida. "O contato com os problemas de outras pessoas, a luta delas pela vida, nos faz entender nossos próprios dilemas, diminui a nossa dor". É daí a sua opção de, mesmo tendo se graduado na área de administração, continuar trabalhando na Enfermaria. "Essa área me salvou, essa área me salvou!"

[3] Adilson teve uma paralisia infantil, "uma perna é menor do que a outra e o pé também é mais curto. E não tem força no peito do pé, piso com o calcanhar. Então é por isso aí, que no caso, o carro seria automático".

O início de sua relação com a UFJF foi bem difícil, pois não possuía carro, não sabia dos direitos para os deficientes, como desconto e isenção de tributos e impostos para aquisição de veículo adaptado ou automático. Trabalhava na Universidade em turnos de plantão durante o dia e vinha para Juiz de Fora na véspera. Hospedava-se no hotel mais barato que encontrou e, terminado o seu turno de trabalho, voltava para casa. Isso durou três anos, inclusive passando pela experiência de ser assaltado na saída do hotel, às 5:30 da manhã, indo trabalhar.

> E aquilo me deu uma revolta, uma revolta, com sinceridade, que saí chorando, fui trabalhar chorando, cheguei no meu setor, revoltado com a vida. É uma sensação que eu nunca esperava ter. Isso não ia acontecer aqui. E ai, foi meu primeiro obstáculo. E eu já fiquei com medo. Eu já estava até pensando em desistir. Mas minha família me deu força, meu pai, minha mãe. Fui trabalhar, mesmo... Depois que eu fui assaltado, fui trabalhar com medo...

Com esse incidente, algo mudou em sua vida: descobriu os incentivos e tratou de providenciar toda a documentação

– mais de um ano – para a sonhada aquisição de um carro, mudando sua rotina de trabalho. Já não era necessário pernoitar um hotel para o trabalho, já podia sair de casa às 4 horas da manhã e retornar ao final do plantão. E, quando surgiu a oportunidade de fazer uma graduação, três anos depois, já dirigindo, ficou mais fácil a sua escolha por estudar. Tinha colegas de turma que também moravam em Barbacena, tornando suas vindas à Juiz de Fora, para as aulas, um momento de interação e camaradagem. Também é importante salientar que o acolhimento da turma e, também, dos colegas de trabalho é muito importante para o desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional:

> Aqui se tornou uma família, porque temos união, principalmente essa turma da Universidade, do Hospital Universitário. Aqui um ajudava o outro. Tinha gente querendo desistir, então buscávamos essa pessoa. Eu também cheguei a pensar em desistir, eu cheguei no ponto, na prova de matemática, mas a gente estudava junto, a gente chorava junto. Principalmente quando nós tivemos uma participação boa. Sucesso na hora que jogou o cone pra cima! Foi uma alegria, aquele negócio de vitória, de ter alcançado uma meta. Então a turma nossa ali...

A palavra que melhor exprime essa vitória é a solidariedade, companheirismo, segundo Adilson. Cada um fazendo a sua parte, tendo seu valor.

> A gente saía daqui, da Universidade, e pegava plantão à noite. Então quer dizer: a gente estudava de madrugada, fazia exercícios de madrugada, pelo computador. Nos comunicávamos, eu as meninas[4] aqui, trocávamos ideias, exercícios de matemática, se não eu não conseguia não! Trabalhamos juntos, então tem essa camaradagem.

Mas a família também tem grande importância nesta caminhada, é a essência, o que o motiva: pai, mãe, filhos, esposa. A mãe de Adilson tem papel fundamental nessa superação vivenciada, era a palavra de conforto quando era tomado por um sentimento de revolta, quando achava que as coisas não davam certo. "Fé em Deus!" era a frase motivadora, "que a gente vai passando pelas barreiras que a vida vai apresentando para nós".

[4] Colegas de trabalho e de curso.

Para Adilson, a pessoa com algum tipo de deficiência nunca deve pensar que é diferente. Como ele, deve enfrentar os seus problemas: “Olha aonde eu cheguei. Eu venci! E passo isso agora para os meus filhos”. Deve procurar sempre se enturmar; que a pessoa deficiente tem também pensamentos, sonhos, coisas para fazer e que nada deve impedi-la. O deficiente possui limites, mas a maioria das coisas é possível fazer. “Então, você tem que... nunca pensar isso. Você tem que ser uma pessoa normal”. É preciso almejar um futuro, não pensar em barreiras para se enfrentar.

A forma que sempre lidou com seus problemas, seus limites, acaba por refletir em seu cotidiano profissional, pois nunca teve gente reclamando do seu trabalho, porque “até falavam e o bom dos pacientes, e que o bom é que eu não tinha como eles não me conhecerem. Quando eles falavam assim: cadê aquele enfermeiro bonzinho? Quem? Aquele que puxa das pernas”. Para Adilson é a mais pura demonstração de um grande carinho.

> Eu tive essas barreiras todas que eu enfrentei, essas dificuldades todas, vim trabalhar, pra conseguir um emprego, e consegui o que eu consegui aqui, depois

que eu vim pra Universidade, nossa!, melhorou tanta coisa pra mim, tive tanta oportunidade, minha família melhorou também, em vista de casa, meus filhos ficaram numa situação melhor, eu pude dar um futuro melhor pra eles. Tenho um netinho agora, que estou olhando também por ele. Então, quer dizer: isso ai foi me estimulando, foi me dando mais alegria. E o que eu tive aqui na Universidade, não tem preço.

Aline de Souza Sid

Se vocês querem saber quem eu sou
Eu sou a tal mineira
Filha de Angola, de Ketu e Nagô
Não sou de brincadeira
Canto pelos sete cantos
Não temo quebrantos
Porque eu sou guerreira
Dentro do samba eu nasci,
Me criei, me converti
E ninguém vai tombar a minha bandeira.

(Clara Nunes)

Uma relação de amor com a Universidade Federal de Juiz de Fora, "vou estudar na UFJF", é a melhor definição que esta juiz-forana, 30 anos, último período do curso de Farmácia, com graduação em Análises Clínicas aplicada à Veterinária, tem da Instituição.

E descobrir que existe um mundo nos prédios, que eu vinha, criança, aí andava de bicicleta ali, não sei o que, quando eu vim estudar, quando entrei na

> Comunicação, aí eu descobri que tinha banheiro que funcionava, que tinha xerox, as pessoas comiam ali, viviam ali, a UFJF é muito especial. Muito, pra cidade, pra minha vida e tal, gosto muito daqui.

A primeira vez que Aline frequentou a Universidade, como estudante, foi aos dezessete anos, em 2001, quando foi aprovada para o curso de Comunicação Social; entretanto, como seu sonho era fazer Medicina Veterinária, prestou vestibular na Universidade Federal de Viçosa e, por lá permaneceu por dois anos.

> Minha família é de Juiz de Fora e, para ela, temos que estudar em Universidade Federal; eles dão "a melhor escola, minha filha, porque não vou pagar faculdade". Era muito nova, ainda, quando fui para Viçosa, tinha dezenove anos e eu comecei a ter problemas muito sérios de saúde. Lá não tinha atendimento médico adequado; os hospitais – dois – naquela época eram ruins, faziam medicina ocupacional, pois na UFV não havia curso de medicina. Com isso, precisei voltar para Juiz de Fora, na impossibilidade de continuar fazendo Veterinária.

Quando começaram seus problemas de saúde, diz, “foi uma guerra a pesquisa do que tinha de errado comigo”. No seu caso, as necessidades especiais foram surgindo com o tempo. Nasceram com ela, “mas a percepção do quanto eu era diferente, veio mais tarde”. Nasceu com oito meses de gestação, com contratura no corpo inteiro. Atualmente, crianças que nascem nessa condição recebem analgesia de Fentanila[1], e tem todo um cuidado especial, massagem, um aquecimento especial, que ajuda a soltar os músculos, mas naquela época não foi diagnosticada e, depois dos 6 meses de vida, ela não apresentava mais problema com tônus muscular. Assim, teve um desenvolvimento motor normal, adequado à sua faixa etária.

> O que eu lembro de minha infância é que todo mundo falava que eu era a mais bagunceira de todas, porque eu vivia quebrada. Eu tinha até vergonha já de ir pra escola engessada, por causa das brincadeiras. Eu não era infeliz na escola não, eu gostava, mas o pessoal fazia brincadeira e tudo, eu tinha vergonha mesmo de chegar, eu tinha vergonha quando o Flamengo perdia, de ir pra aula na segunda porque

[1] Normalmente, são analgésicos para o alívio da dor desencadeada por procedimentos invasivos em recém-nascidos.

> todo mundo falava que eu era a mais bagunceira, porque eu não era, eu era igual a todo mundo, agora o negócio é que eu me quebrava e eles não.

Na adolescência tinha luxação recidivante de um dos ombros, o que não é tão incomum na maioria das pessoas e, também, muita luxação nos joelhos. Nenhum médico, naquela época, percebeu que não era tão traumático quanto devia ser, como perder quase todo o ligamento colateral do joelho.

Completando vinte anos, Aline teve uma dor imensa de cabeça, buscando todo tipo de tratamento por três anos, não encontrando respostas; chegou a tomar antipsicótico[2], por conta de uma hipótese de um médico que acreditava que ela tinha alucinações álgicas[3] – o que foi descartado.

Também, no mesmo período, passou por uma sequência de contraturas musculares e dores por todo o corpo, deixando-a sem forças para sustentar o corpo, precisando

[2] É utilizado como anestésico e em outros distúrbios psíquicos. Tem efeitos sedativos e psicomotores. O uso dos antipsicóticos é, hoje, conduta padrão na terapia de psicoses agudas. No entanto, nem todos os casos são tratados pelo grupo de medicamentos em discussão.

[3] A dor é uma alucinação.

ficar um período internada, depois usando cadeira de rodas. Os médicos acreditam no diagnóstico da síndrome de Ehlers-Danlos[4], que é uma doença do tecido conjuntivo, uma mutação no colágeno, e afeta muito mais os músculos. O diagnóstico foi clínico, porque não tem geneticista em Juiz de Fora. Estava vivendo em um momento bem difícil em sua vida. Então, até hoje, não possui um diagnóstico fechado do que lhe ocorre.

---

[4] É a designação atribuída a uma doença congênita, pouco comum e de difícil diagnóstico, que se caracteriza pelo aumento da mobilidade articular e da elasticidade da pele (tecidos conjuntivos). Esta mobilidade anormal tem diferentes implicações no organismo, implicações cuja severidade varia desde a "simples" mobilidade articular e cutânea até a hipermobilidade grave com escoliose, problemas cardíacos e rompimento do baço. Globalmente a incidência é de 1 em 5000 nativivos, sendo os tipos I e II os mais frequentes. A hereditariedade destas formas é autossômica. Face às manifestações comuns às várias formas, é provável que como causa subjacente estejam alterações do mesmo gene. As características já referidas não só caracterizam outras formas mais graves desta síndrome, mas também estão presentes num número elevado de outras doenças. Como tal, o diagnóstico deve ser baseado em dados clínicos mais específicos. Disponível em: <http://apeslfb.wordpress.com/sindrome-de-ehlers-danlos/>.

Eu tomo analgésico até hoje, Metadona. A pessoa que me manteve viva, uma médica anestesista, especialista em dor crônica, que sempre falou "Aline, quando começa a dar tudo errado", e aí começou a dar tudo errado, era contratura nas costas, e era luxação em tudo quanto é lugar, incontinência urinária, "quando começa a dar tudo errado tem uma doença de base". Ela falou isso desde o princípio, só que ela pensou muito em colagenose, doença autoimune. Doença do tecido conjuntivo mas autoimune. Então ela sempre pesquisou: fator reumatológico, fator antinuclear, proteína C reativa direta, o meu VHS, que é a hemossedimentação, que é uma medida de inflamação, aí já é análise clínica, é uma medida de inflamação, as proteínas de fase aguda do processo inflamatório tem uma carga positiva, que neutraliza a carga negativa das hemáceas – elas se depositam no fundo mais rápido, porque geralmente carga negativa de fora repele tudo, assim, então se o sangue hemossedimenta muito rápido, é indicação de proteína de fase aguda do processo inflamatório. Sempre deu alterado.

Aline afirma que toda a sua situação é muito difícil para sua família, principalmente a mãe, que sempre a acompanhou em seus tratamentos, "é muito sofrimento, ela não deu mais conta, não consegue mais acompanhar tanta agulhada, tanto sofrimento da filha". Mas continuam com todo o suporte financeiro, sem o condicionar prazos, como fariam antes dos problemas surgirem. Houve muita negação da família, um choque muito em grande em lidar com as diferenças dela, enquanto não havia um diagnóstico fechado, pensavam que "não, não é possível, isso não acontece com a gente". O mais complicado de lidar com sua doença não é a parte física, mas a parte emocional. Hoje, afirma, consegue lidar bem com a dor, aprendendo "artifícios para lidar com a dor".

Aline passou por várias dificuldades em relação às turmas do seu curso, havia turma que não a aceitava e assim foi para a segunda turma e para a terceira turma e, nesta trajetória encontrou ajuda de companheiros que colaboraram muito com ela, e menciona que foi muito enriquecedor esse contato com essas pessoas.

> A gente começa a criar um monstro de sete cabeças nessa reintrodução, porque quando a gente entra na faculdade, passa por todo um processo, participa do trote ou não, a sua turma junta, faz

> uma chopada, tem o fundo de formatura. No primeiro período já juntam, já se formam os grupos de afinidade dentro da sala e todo mundo sabe o quanto a sua sala na faculdade é especial. Todo mundo sabe. Eu tive que largar a minha sala no terceiro período. Eu fiz o primeiro e o segundo na minha sala e o terceiro eu tive largar. Nossa! Isso doeu muito, isso foi horrível. E eu comecei já... as primeiras vezes não foram tão ruins mas aí você entra em outra sala e eles já tem uma afinidade grande. Depois a gente vai ficando mais independente, mas nos primeiros períodos as pessoas são muito ligadas na faculdade. Eu passei assim por alguns períodos que eu não conhecia ninguém para almoçar comigo, eu tive muita dificuldade porque eu comecei a me isolar, eu comecei a fazer disso, um problema sério.

Acredita que a sociedade deve fazer adequações, concessões, para um bom convívio com as deficiências, porque tem desenvolvimento tecnológico para tal; cita, como exemplo, tirar uma vaga de estacionamento por quadra para fazer um rebaixamento de calçada. Outra atitude necessária é a ampliação de vagas preferenciais em estacionamentos. Na Universidade

acha importantíssima a instalação de elevadores nas faculdades e institutos.

> Eu deixei de cursar período por estar em cadeira de rodas, não tinha como eu acessar os laboratórios, era impossível. Se fosse hoje eu poderia cursar porque eu não fiquei "retardada" por estar na cadeira de rodas, eu sabia pensar, era apenas a limitação física. Então, assim, eu acho que tem que ter essas concessões claro, eu acho que tem que ter o jogo de cintura do material humano. Eu não acho que tem que ter grandes mudanças institucionais, criações de privilégios. Os privilégios são os que já tem lá fora. Acessibilidade, um lugar pro cadeirante descer, algum programa da biblioteca que ajude as pessoas a lerem, cegos a lerem, a estudar. Esse tipo de coisa já tem na sociedade no geral, não acho que deve ser criado privilégios até porque o ser humano tem a capacidade de julgamento da situação. Tá ficando mais amigável o ambiente. Olha os colegas que eu tenho experiência, os colegas são muito solidários. Os probleminhas que a gente tem é com o professor, funcionário, má vontade.

Mas também encontrou boa vontade, interesse dos funcionários da Faculdade de Farmácia em ajudar: quando estava cadeirante e, em seguida, com um problema muito sério do joelho, precisou usar, durante muito tempo, uma vaga no estacionamento em frente aos laboratórios:

> Procurei saber como funcionava, e acabei chegando ali na Central de Vigilância e pedi para chamar o supervisor, senhor Jesus, responsável na época e eu falei para ele. Ele já sabia de tudo, que a Faculdade de Farmácia não tem vaga de deficiente e mandou subir com uns conezinhos e deu ordem para todos os seguranças para guardar um lugarzinho para mim e abrir quando eu chegasse. Foi assim quase um período inteiro, uns 3, 5 meses e eu conseguir terminá-lo, fiz as provas, passei em todas as matérias. Tem umas pessoas que são muito especiais, que tentam até driblar uma estrutura para te ajudar. Eu vi muita bondade no mundo depois que eu comecei a ser muito diferente – mais bondade do que eu via antes, essa é a verdade.

Denise da Silveira Gomide

E mesmo quando a visão se
turva e o coração só chora
Mas na alma, há certeza da vitória
Eu vou sofrendo, mas seguindo
enquanto tantos não entendem
Vou cantando minha história,
profetizando
Que eu posso, tudo posso... Em Jesus.

(Padre Fábio de Melo)

Aluna do quarto período do curso “Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas”, com opção para o curso de Turismo, desejando se dedicar ao turismo voltado à deficiência, Denise teve sua vida transformada a partir dos 25 anos, quando foi diagnosticada com ostoclerose[1]. Fez cirurgia no ouvido esquerdo, se recuperou, mas, por

[1] É uma displasia óssea da cápsula ótica e ossículo existente apenas nos seres humanos, caracterizada por reabsorção e deposição óssea anormal na cápsula labiríntica e ouvido, resultando em surdez.

ter fator genético, a doença restabeleceu – possui apenas 10% de capacidade auditiva no ouvido direito e 50% no esquerdo. Foi necessário a utilização de próteses auditivas, os aparelhos, usados até hoje: "A vantagem é que eu tiro os aparelhos quando não quero ouvir conversa fiada", diz aos risos.

Formada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em 1985, foi professora em escolas da Educação Básica e, em 2007, teve o problema agravado, entrando em licença de trabalho, culminando em aposentadoria. Para uma pessoa muito ativa, que andava de moto, teve a vida virada de "cabeça para baixo".

Vendeu a motocicleta, começou o tratamento, teve o labirinto atingido, muitas tonteiras; tudo ficou difícil. Passa a usar placa dentária – problema de ATM[2], falando com dificuldades. Antes das próteses, não entendia o que as pessoas falavam, escutava

[2] Muitas pessoas com perda de audição ou mesmo dor no ouvido são portadores de ATM. Desde a década de 1930, quando o Dr. Costen, um médico otorrinolaringologista, publicou um trabalho relacionando problemas auditivos com a ATM e os dentes, muitos pesquisadores passaram a estudar a relação entre estes dois sistemas (o mastigatório e o auditivo). Disponível em: <http://blog.marcelomatos.com/a-perda-da-audicao-pode-estar-relacionada-a-uma-disfuncao-da-atm/>.

o som mas não compreendia. A televisão, muito alta, deixava todo mundo nervoso. Falava alto, mas não compreendia o que dizia. Junto à deficiência auditiva, veio também a depressão.

O médico de Denise, em função do quadro instalado, sugere que ela volte a estudar. "Mas nessa minha aposentadoria eu ganho muito pouco para pagar faculdade, com meus filhos também estudando" e ele "Ah, faz vestibular"..., retrucada por "acho que não dá pra mim, não". A filha Mayna e seu filho Thales a incentivam a fazer, com ele, as provas do ENEM. Esses três primeiros incentivadores foram essenciais para a retomada da vida, da alegria.

Denise considera essa etapa como um resgate da autoestima. Tanto que participou do trote aos calouros, não se importando em ser uma pessoa com idade superior a dos colegas. Para ela era uma conquista de vida, um grande recomeço:

> E foi muito bacana porque até no trote, os calouros, os veteranos, a moçada... E aí começou minha aula aqui e desde o inicio, eu sempre assentei na primeira carteira, porque tem dia que o aparelho pode acabar a bateria, dá uma falha. E eu sempre procurei falar com meus professores que eu tenho um problema, uma doença, que eu ia sentar na

> frente e que eu ia ficar olhando pra eles, por nada não, é porque às vezes eu tenho facilidade pra fazer uma leitura labial, e os entenderia melhor. E eu pedi também que quando passasse um vídeo, um *datashow* se poderia ligar uma caixa de som, entendeu. E sempre fui muito bem atendida sabe, e isso eu queria parabenizar a Universidade, porque, principalmente lá no ICH, que é o nosso ICH novo, no Instituto de Ciências Humanas, que foi recentemente construído, tem uma boa infraestrutura. E eu solicitei aí colocaram caixa de som, assim o professor leva a caixinha e liga no *datashow*, no IAD também, eu fiz matéria no Instituto de Artes e Design, então eu estava fazendo matéria de disciplina sobre cinema, meu professor também ligava a caixinha de som. Todos sempre foram muito atenciosos, entendeu, eu pedia porque as vezes eu tinha dificuldade de entender, mesmo eu estando com o aparelho, às vezes, o aparelho, se aumentar muito, dá microfonia.

Um problema detectado por Denise é que, às vezes, as pessoas falam muito depressa e não pronunciam as palavras corretamente, gerando uma não compreensão.

Entretanto, ela revela que a Universidade é uma fonte de prazer, felicidade, que procura estudar corretamente, também incentivando os colegas mais jovens. Às vezes, até se percebe tendo uma atitude superprotetora, maternal, preocupando-se com os faltosos, com as desatenções em sala de aula. Está tão integrada em seu ambiente acadêmico e jovial, que participa de redes sociais, e-mails, mantendo o espírito jovem: "procuro viver realmente cada minuto da minha vida como se fosse o último. Porque você faz planos pra sua vida e de repente você vê que muda. Então procuro viver muito bem o momento presente. Porque eu acho que é o único que a gente tem certeza"

Apesar de ser uma pessoa mais velha em relação aos colegas de turma e com um problema auditivo, ela define a turma como muito carinhosa, bem entrosada, receptiva. Até há uma brincadeira de que alguns universitários pertencem à "segunda idade": na turma encontram-se outros alunos na faixa etária de 40-50 anos, que não tiveram oportunidade de estudar e estão, agora, buscando formação no ensino superior. Mas, maravilhada, revela que é colega de um ex-aluno da educação básica. Também afirma não sentir preconceito nem discriminação.

"Eu estudo aqui na UFJF, especificamente no ICH, e os professores falam que os cientistas humanos têm que aprender a ler, pensar, refletir, antes de falar ou tomar uma atitude, o que trago para a minha vida". A sua escolha de continuidade, no curso de Turismo, se deve à influência de seu sogro, Miguel Gomide que, com mais de 80 anos, ainda trabalha nesta área. Como o turismo proporciona o contato com muitas pessoas, Denise acredita que é uma forma de acessibilidade, um modo de se evitar discriminação, uma forma de igualdade, pois, a partir do deslocamento de uma pessoa, de viajar, de buscar novos lugares, há a possibilidade de fazer novas amizades, de se hospedar em lugares diferentes, ter contato com vários prestadores de serviço, gerando uma escolha: "por que eu não posso fazer um turismo voltado para pessoas que têm deficiência? Eu tenho direito de passear, de ter acesso, de chegar em um hotel, ler um cardápio em Braile, num restaurante". Formando-se, assim, uma grande rede. Uma outra possibilidade de formação é relacionar-se com sua outra formação – de bióloga – e trabalhar com o turismo voltado ao meio ambiente.

Além da graduação, também participa de um programa na Universidade, um projeto de natação, que a ajuda a manter

o equilíbrio, a evitar a labirintite e faz um curso de LIBRAS – linguagem brasileira de sinais.

O principal, para Denise, é que a pessoa que tenha determinado problema procure ajuda especializada – ela participa da Saúde Auditiva[3]. Também é importante nunca desistir, procurar os seus sonhos, aprender a superar os seus limites, transpor os obstáculos e, principalmente, se adaptar à nova vida, buscando felicidade em todas as coisas.

> Por exemplo, eu toco violão, participo de uma banda da igreja do Rosário com meu filho, com jovens e adolescentes. Então, as vezes, para eu poder tocar e cantar, a gente liga a aparelhagem de som, mas faço a leitura labial da menina que está cantando, eles cantam olhando pra mim, porque,

[3] O Ministério da Saúde, através SUS – Atenção Básica, Média Complexidade e Alta Complexidade (ambulatorial e hospitalar) – que atendam aos princípios de universalidade e equidade na atenção à saúde auditiva, publicou a Portaria GM nº 2.073, de 28 de setembro de 2004 que instituiu a Política Nacional de Atenção à Saúde Auditiva. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/sas/mac/area.cfm?id_area=848>.

às vezes, eu perco o compasso, outras vezes o meu aparelho está apitando, ai eu não sei se é meu aparelho ou se é a guitarra do outro, se é o som, entendeu? É difícil, mas não é por causa disso que vou desistir da música, desistir de tocar, eu gosto! E não vou desistir das coisas que eu gosto.

Jerry Fernandes
de Souza

Somos diferentes, mas não queremos ser transformados em desiguais. As nossas vidas só precisam ser acrescidas de recursos especiais.

(Peça de teatro: Vozes da Consciência, BH)

Este juiz-forano de 41 anos, aluno do terceiro período do curso de Filosofia, da Universidade Federal de Juiz de Fora, afirma que sua escolha pelo curso se deu por uma questão de realização pessoal, prevendo um futuro profissional na área.

Conviveu desde sempre com sua deficiência motora em consequência de uma poliomielite, lidando bem com as dificuldades, tendo a família um papel importante em seu desenvolvimento e superação.

Viver em grupo é o que lhe traz mais felicidades, mesmo que, às vezes, as relações possam ser conturbadas; mas a satisfação de estar aprendendo através das relações humanas é um processo de alegria, uma vez que, para ele, viver em isolamento é a expressão mais clara de tristeza.

Em suas reflexões, afirma que não é fácil para qualquer pessoa chegar aonde ele chegou, na Universidade, e até mesmo no âmbito profissional, sabendo que há muito a ser conquistado. E essa conquista depende do conhecimento das barreiras existentes, das dificuldades e das escolhas que se podem fazer. O objetivo primeiro deve ser a tentativa de transposição delas e a busca por auxílio, através de programas, projetos, políticas sociais, educação.

A graduação escolhida, para Jerry, acaba por envolvê-lo em todos os momentos de sua vida:

> De certa forma, estou sempre no curso, a filosofia me envolve todo momento. Ela tem esta característica, uma vez que você é impregnado por ela, você passa a vivenciá-la a todo o momento. Mas se me perguntarem o que faço fora da Universidade, eu me divirto, passeio, vou ao cinema, faço outras

> atividades, mas, enfim, eu acho que estou no curso a todo momento.

A relação entre sociedade e deficiente deve ser vista como uma via de mão dupla; é uma realidade inquestionável que a sociedade se adapte aos portadores de deficiência, mas o deficiente também não pode transformar sua situação em uma luta individual, em que tudo, para ele, seja motivo para não continuar, não trabalhar, não ir à escola, à universidade e há muitas pessoas que recuam diante de uma barreira. É preciso lutar para que a sociedade, cada um fazendo a sua parte, troque informações para a convivência cidadã.

Para Jerry, conviver com pessoas com deficiência é uma oportunidade de aprendizado para todos os aspectos da vida, pois os portadores de deficiência têm diante de si tantos desafios que acaba por ajudar as demais pessoas à superarem os seus próprios.

Em sua opinião, a Universidade tem contribuído para que os portadores de necessidades especiais consigam se graduar na Instituição, com melhorias das condições de acessibilidade, de transporte e na própria estrutura física do campus.

Maria Alice de
Souza Vicente

Inclusão é o privilégio de conviver
com as diferenças.

(Mantoan)

Muito bem resolvida com sua deficiência, define-se a estudante do curso de Serviço Social, 22 anos, Maria Alice. A escolha pelo curso foi a decisão mais importante em sua vida. Estava em dúvida, pois queria também cursar a Psicologia. Mas tinha um ideal em sua vida: queria uma profissão em que pudesse garantir os direitos das pessoas e continuar perto da família que sempre a apoiou.

Maria Alice não possui a mão esquerda, por um problema de má formação congênita, e se considera uma pessoa totalmente normal. A ausência da mão não a define, pois assim nasceu, não produzindo nenhum tipo de problema para ela. E o fato de se considerar sem problemas, as demais pessoas – família, colegas, amigos – também a veem desse modo.

Criada pela tia por parte de pai, D. Marli, desde os dez anos de idade, quando a mãe faleceu, tem na família, principalmente na mãe de "coração", os maiores incentivos para estudar "me empurrava para estudar, fazer vestibular, faculdade", conta orgulhosa. O pai, Sr. José, nunca poupou esforços para dar-lhe boa educação, formação e o que ela desejar na vida. É o orgulho das duas irmãs, Juliana e Ana Paula, que ainda não puderam fazer uma graduação, e dos dois sobrinhos. Elas estão sempre querendo saber das novidades, felizes pela irmã, por seu crescimento.

Estudou todo o ensino básico – fundamental e médio – na mesma escola, com um grupo de amigos muito próximos, o mesmo ocorrendo quando entrou para a Universidade:

> Entrei na faculdade, escolhi Serviço Social, também encontrei um bando de colegas, todo mundo assim

> pensa parecido, estou gostando muito, pretendo formar rapidinho eu me esforço para não repetir, vamos ver se faço um concurso público, trabalhar.

Diferentemente de outros tipos de deficiência, como, por exemplo, a visual, auditiva ou de locomoção, não se sente impedida de realizar nenhuma atividade. A única preocupação está em seu futuro profissional, em como o mercado de trabalho poderá absorvê-la.

Falando de sua experiência na Universidade, mais especificamente na Faculdade de Serviço Social, até pela própria natureza do curso, não acredita que as pessoas ainda tenham preconceito: "existem as diferenças, mas de personalidade que sempre tem, mas nenhum tipo de preconceito não". Até mesmo quando fez disciplinas na Faculdade de Letras – línguas estrangeiras – não percebeu qualquer problema relacionado à sua deficiência.

A escolha pela Universidade Federal de Juiz de Fora foi uma decisão acertada, ela foi bem acolhida pelo Caefi e compreendeu a acessibilidade que a Universidade oferece, embora mencione que muitos alunos não conhecem esse serviço e os seus direitos, bem como as ações e programas de inclusão

proporcionados pelo Caefi. Procurar o Caefi, para Maria Alice, pode ser a chance de conseguir material e equipamentos adequados:

> Muita gente passa muito aperto com isso, não só eu. Lá na minha sala tem um menino com problema auditivo que tem hora que eu acho que o professor está falando muito baixo e eu nunca vi ele reclamar: "fala mais alto que eu não estou escutando". Ele é bem tímido também eu acho assim se tivesse um trabalho maior de divulgação, de palestras e eu sei que tem, mas, assim, mais ainda...

Para aquelas pessoas que sofrem, acreditando que o seu problema de visão, de mão, um problema de pele, um problema de cabeça, de surdez, um problema de locomoção, não permitem que saia de casa, que viva, Maria Alice deixa um recado: "Não se escondam! Tem tanta coisa boa para ser feita no mundo, que não se pode deixar que a deficiência determine quem você será. Você é muito mais que isso e, portanto, não deve se esconder em hipótese alguma".

Marcos Antônio
Gomes Barbosa

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos... (Art. 1º).

(Declaração Universal do Direitos Humanos)

Natural de Montes Claros, 30 anos, graduado em Turismo, com *MBA*[1] de Gestão de Pessoas, ambos na Universidade Federal de Juiz de Fora, Marco Antônio revela a importância de uma graduação e pós-graduação para a prosperidade de vida,

[1] *Master in Business Administration*, Mestre em Administração de Negócios, é um curso de especialização para formação de executivos na área de administração, estudando matérias de finanças, contabilidade, recursos humanos, marketing entre outras.

principalmente no que se refere às questões salariais. Mas, ressalta que a escolha foi pela área de maior interesse, que combinava melhor com o seu perfil. Atualmente, trabalha no setor técnico-administrativo da Instituição.

Como sua deficiência física é congênita, não existe a questão de adaptação, típicas de daquelas adquiridas ao longo da vida. Ele se vê como uma pessoa normal, sem problemas, perfeitamente integrado à sociedade, entendendo a deficiência como parte integrante de sua natureza. Para que seu crescimento ocorresse tranquilamente, a família teve papel fundamental. E continua assim – apesar de estar bem longe geograficamente, são mais de 1.800 quilômetros de distância, a família continua muito presente, unida e participativa.

A conclusão do curso de graduação coincidiu com a aprovação no concurso público para preenchimento de vagas na área técnico-administrativa, o que lhe se surpreendeu, pois estava focado em seguir a carreira de turismólogo. Acabou escolhendo uma pós-graduação que contribuísse com sua nova função, proporcionando-lhe melhores conhecimentos para a nova área de atuação.

Refletindo sobre a contribuição da Universidade Federal de Juiz de Fora para as pessoas com algum tipo de

deficiência ter acesso ao ensino superior, Marcos diz que o problema é anterior:

> A grande dificuldade está no ensino que vem antes, na questão do ensino médio. Essa é parte que eu acho muito sem estrutura para acolher as pessoas com a devida atenção que elas precisam ter Mas depois que entra aqui na Universidade, não só na UFJF, mas como em outras universidades que eu tive contato também, tem uma estrutura muito legal, dá pra atender principalmente essa parte pedagógica, tem a estrutura pra suprir essa necessidade que existe. No mais é a questão que a Universidade, pelo menos nestes últimos dois anos vem fazendo, a questão de acessibilidade, melhorar esse tipo, o acesso mesmo, focar um pouco mais nisso. Mas se eu for falar um problema assim, seria mesmo antes de pensar na universidade. A vida de aluno secundarista mesmo.

Para as pessoas que não estão preparadas para lidar com pessoas deficientes, diz que a primeira atitude deveria ser não pensar que se está lidando com uma pessoa deficiente. Tratá-la como uma pessoa normal, igual, é a solução para que a relação funcione.

Um aspecto que poderia melhorar é a questão da acessibilidade. As ruas, calçadas e até prédios não estão preparados para todas as pessoas possam transitar nesses locais, por exemplo, um cadeirante, às vezes, não tem a mínima condição de trabalhar. Deveria haver espaços mais acessíveis. É preciso que a sociedade se adapte ao deficiente e o deficiente se adapte à sociedade. Todos nós possuímos direitos, mas temos as nossas responsabilidades também.

Quando questionado sobre sua opinião de filmes serem exibidos com LIBRAS – linguagem brasileira de sinais, ou legendas, considera complicado falar de algo que não compõe a sua realidade. Segundo Marcos, a sua deficiência é física e esta questão pertence a um outro grupo de pessoas, não sabendo como se colocar.

> Pra mim, e acredito que pra maioria, filme legendado. Como que a gente iria se adaptar numa situação dessa? Agora já pra quem precisa disso, a realidade vai ser completamente outra. Hoje com a tecnologia, talvez você possa ter um opcional, a pessoa clica na opção de legenda ou opção de LIBRAS, ou algo similar num futuro tecnológico, quem sabe.

Estar com os amigos e na companhia de amigos, isso sempre traz alegria para Marcos e finaliza a entrevista explicitando um recado relacionado com a vida acadêmica:

> É no cotidiano, no conviver, no dia a dia das pessoas, acho que quanto menos tocar no assunto, quanto menos ressaltada a diferença entre o deficiente físico e "a pessoa normal", quanto menos destacado, quanto menos ressaltar essas coisas, melhor será a convivência para todos. Tanto para um lado quanto para o outro também. E, para aquelas pessoas que têm na cabeça que às vezes não dá, que vai ter dificuldade aqui na Universidade, que vai encontrar muitas barreiras, digo que não, se é isso que você quer, corre atrás que tenho certeza que aqui na UFJF você vai ser bem recebido.

Rafael Corrêa
Gomes da Silva

Sem a educação das
sensibilidades, todas
as habilidades são tolas e sem
sentido.

(Rubem Alves)

Vítima de um atropelamento, em 2001, Rafael, 23 anos, aluno do curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, carrega, ainda, as sequelas desse acidente: deficiência motora dos membros inferiores. Foram meses de reabilitação: internação por quase um mês, longo período acamado, cadeira de rodas, muletas, dores, fisioterapia. Mas teve muito apoio da família, de pessoas fora da família, vizinhos, apoio também do Estado, por exemplo, da Prefeitura que forneceu natação, fisioterapia pelo SUS – Sistema Único de Saúde. Precisou de

acompanhamento psicológico durante a fase de superação do acidente. Ate hoje tem encontrado muito apoio de diversos setores do governo e da família.

> Às vezes, quando eu caminho, na maior parte do tempo eu ando e acontece uns estalos; às vezes, eu acordo e coloco os pés no chão e eles ficam um pouco dormente. Sinto um pouco de dor. Quando eu fico muito tempo parado, por exemplo, dentro da sala de aula, quando eu volto a caminhar, meu membro inferior esquerdo dói, fica dormente. Isso gera um pouco de dificuldade para percorrer grande distancias, por exemplo...

E toda essa experiência lhe deu uma percepção de vida característica de uma pessoa que teve que amadurecer para superar toda essa fase, preocupando-se além do individual, buscando espaços para comentar as questões sociais. Acredita que tanto a sociedade deve mostrar respeito pela pessoa que tem uma determinada dificuldade, quanto a pessoa que tem uma dificuldade aceitá-la, tentando encontrar um espaço nesta sociedade.

Sobre as barreiras físicas e o deslocamento dentro da Universidade, Rafael observa que poderia ser melhor, mas a implantação do ônibus circular no campus, tornou mais fácil o deslocamento de um Instituto para outro; sugere que o intervalo de circulação deveria ser menor. Também relata que as edificações deveriam ter acesso adequado para quem tem deficiência física, em alguns lugares existem e em outros institutos ainda não foram adaptados.

Na Faculdade de Letras ainda não tem elevador, apenas uma rampa de difícil acesso, faltando a infraestrutura necessária. Em contraposição, na Faculdade de Educação, onde Rafael cursa as matérias referentes à Licenciatura de seu curso, no terceiro e quarto andares, tem elevador para as pessoas que tenham problemas. "Eu vejo que, se alguém hoje tiver o mesmo problema que eu tive, que for usar cadeira de rodas, essa pessoa vai ter mais assistência, vai ter mais facilidade de conseguir chegar à sala de aula".

Rafael insiste que

> a Universidade deve ter foco nos circulares dentro do campus. Ainda demora muito. Quando a gente, por exemplo, precisa ir de uma aula para

> outra, quando eu tenho que me locomover da Faculdade de Letras para a Faculdade de Educação, ou para a Engenharia, normalmente eu tenho que esperar muito, mas eu acho que seria mesmo essa questão do transporte entre as diferentes áreas da Universidade e também na infraestrutura. Eu acho que em alguns lugares esta muito boa, mas em outros deixam um pouco a desejar.

Refletindo sobre como as pessoas devem lidar com os deficientes, ele afirma que é o essencial é a cordialidade. Mas, ao mesmo tempo, alerta: é preciso ter um cuidado com o outro, porque no afã de querer ajudar, podemos estar atrapalhando; é preciso perceber a forma como essa pessoa reagirá. É preciso saber como abordar e como oferecer ajuda, para não provocar constrangimentos a ela. Ele vivenciou situações como essas, várias vezes "pessoas que pareciam não se importar pelo fato de eu estar numa cadeira de rodas ou de estar numa muleta me causou muitos problemas tanto para ir de um lugar a outro, quanto psicológico mesmo". Ao mesmo tempo, experimentou situações completamente opostas, pessoas davam muita atenção, chegando à inconveniência: "eu não precisava de ajuda para ir ao banheiro e as pessoas insistiam extremamente para

ajudar; é preciso um pouco de bom senso também na hora de tratar essas pessoas". Elas têm necessidades especiais. Elas têm algumas dificuldades para fazer algumas coisas, mas é preciso aprender a avaliar e respeitar a vontade das pessoas, não invadir a sua privacidade.

Por ter recebido tanto apoio, Rafael diz que se sentiu impelido a ajudar outras pessoas, mas que todos nós devemos ter boa vontade com as demais pessoas e usá-la para realmente.

Rafael também se dedica ao trabalho voluntário, que não envolve questões de deficiência, mas eu já teve situações que, por exemplo, num estágio da licenciatura e deu aula para deficiente auditivo. Também em sua casa convive com um deficiente visual – seu pai, em decorrência de diabetes, e essa situação o ajudou a ver o mundo de outro modo, com respeito às diferenças. Querer aprender Libras, querer entender, por exemplo, como funciona a vida de uma pessoa que não enxerga. São as coisas que não sabe, mesmo tendo vivenciado uma experiência de limitação, começou a dar mais valor ao outro, a se colocar no lugar do outro.

Mais importante que a sociedade se adaptar ao deficiente e vice-versa, é entender que todos os seres humanos são diferentes entre si.

Existem pessoas que têm cabelo diferente, cor diferente, que têm tipos corporais diferentes. Eu acho que a gente tem que respeitar as diferenças. Tem gente que tem facilidade em letras, tem gente que tem facilidade nas áreas exatas e tem a pessoa que tem uma limitação física ou que tenha alguma dificuldade para fazer alguma coisa, ela não tem que se adaptar à sociedade é a sociedade que tem que se adaptar a ela. Eu acho que a sociedade deve encontrar uma forma para encaixar essa pessoa, para fazer com que essa pessoa se sinta bem vivendo na sociedade, mas ao mesmo tempo, a pessoa também tem que de certa forma, aceitar a condição dela e, em cima da própria condição, ela procurar também desenvolver uma coisa que seja bom para ela e que seja bom para a sociedade também. E eu acho que a questão não é um aceitar o outro, ou um se adaptar ao outro. A questão é mais respeito mesmo. Tanto a sociedade mostrar respeito pela pessoa que tem uma certa dificuldade quanto a pessoa que tem uma certa dificuldade aceitar a dificuldade que tem e tentar encontrar uma coisa em si que seja, porque todo mundo tem um talento, independente de como seja. E eu acho que todo mundo tem capacidade para explorar o próprio talento. Eu acho que isso é muito importante.

Em relação à inclusão e à deficiência na Universidade Federal de Juiz de Fora, Rafael defende a opinião de que uma pessoa que tem um problema, que tem uma limitação, essa pessoa antes de decidir por não fazer um curso superior, por achar que é difícil, que é inviável, ela deve procurar ajuda, informação, tanto nos setores governamentais, quanto na própria Universidade. Hoje em dia as oportunidades estão muito mais viáveis, muito mais acessíveis para todos e é preciso aproveitá-las. "Nós temos que utilizar essas oportunidades em prol de nós mesmos e, fazendo o bem para a gente, a gente vai fazer sempre o bem para o próximo também".

Rosiane
Lopes Pereira

A capacidade de luta que há em você, precisa de adversidades para revelar-se.

(Pierre Schurmann)

Contribuir para os direitos das pessoas e para a diminuição das desigualdades sociais foram os motivos desta jovem de 22 anos, aluna do sexto período, para a escolha do curso de Serviço Social, na UFJF. Incomoda-se com a forma com que são tratadas as pessoas pela sua condição financeira, como, por exemplo, o atendimento médico para participantes de planos de saúde e aqueles que não o possuem. Mas afirma que o Serviço Social não tem apenas essa característica: é, também,

uma oportunidade de conhecer pessoas, fazer novas amizades, entender diferenças.

Natural de Juiz de Fora, moradora do bairro Santa Cruz, zona norte da cidade, afirma que o deslocamento para a Universidade é facilitado pelas próprias características dos coletivos, pois para cada região de Juiz de Fora tem uma empresa responsável, ficando mais fácil localizar a sua condução. "Mas é assim que eu pego dois ônibus para chegar à Universidade e dois para voltar: o que vem pra Universidade, que é verde, e o azul, que eu pego pra ir pra zona norte".

Rosiane tem uma deficiência visual, possuindo apenas 10% de visão no olho direito e, no esquerdo, somente tem 5%, o que não a impede de estar sempre colaborando com os demais alunos da UFJF – é bolsista na Caefi.

Não acredita que tenha tratamento diferenciado entre os colegas de turma, mas percebe que alguns deles não sabem como lidar com a sua deficiência visual, chegando mesmo a excluí-la de trabalhos em equipe, por temerem que ela não seja capaz de realizá-lo.

Aponta como principal dificuldade para estudar, aos livros disponíveis que, em sua maioria, possuem letras miúdas[1]. Nos alerta, também, para o fato de que a UFJF não tem sinal sonoro para se atravessar as ruas e que isso seria muito bom, não somente para ela, mas para todos que poderiam usufruir deste equipamento. Atualmente, dependemos da boa vontade dos motoristas, de que eles percebam que há alguém para atravessar as ruas; é preciso aproveitar a retenção de veículos no campus para conseguir a transposição.

Na infância, Rosiane sofreu algumas limitações, principalmente na Escola – não fazia algumas atividades que as demais crianças faziam, por medo de se machucar, mas sempre foi tratada normalmente, como as demais crianças, sem se sentir excluída. A mãe, muito zelosa e preocupada, não a deixava sair de casa sozinha, era sempre acompanhada. Essa situação só mudou, a partir dos quatorze anos, quando

[1] O Caefi contribui didaticamente disponibilizando lupas eletrônicas para os alunos que tenham baixa visão.

começou a frequentar um curso preparatório para o PISM[2], e mãe foi a liberando aos poucos, pedindo, como toda mãe, que avise o horário que voltará para casa.

Quando não está estudando – o que adora fazer – sai com as amigas, com as colegas de curso, fica em casa com as duas irmãs, mais novas, que se preparam para o PISM, assiste televisão (é preciso ficar bem próxima dela, para visualizar as imagens) e cozinha, mudando as receitas ao seu gosto.

Perguntada sobre qual flor seria, em uma associação livre, prontamente responde que seria um copodeleite, por ser bonita e muito cheirosa.

---

[2] Programa de Ingresso Seletivo Misto: uma forma de ingresso na UFJF, que é realizado de forma modulada, ao longo do Ensino Médio, Ao fim da 1ª série do Ensino Médio o aluno realiza uma prova com o conteúdo programático previsto para tal série contido no PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Ao fim da 2ª série, realiza uma outra prova, com o conteúdo apenas da referida série. Ao final, no fim da 3ª série, o aluno realiza a última prova, que conta, também, com o conteúdo referente apenas a esta série. Ao final, as notas de todas as séries, com os devidos pesos diferenciados, são somadas e compõem a nota final. Os mais bem classificados garantem, então, sua vaga na Universidade. Disponível em: <www.ufjf.br>.

Como bolsista do Caefi, recebe os alunos e faz as explicações necessárias dos equipamentos disponíveis: lupa eletrônica, impressora em Braile... Apesar de ter livros eletrônicos sonoros disponibilizados e oferecê-los aos outros alunos que procuram o Caefi, Rosiane não consegue utilizá-los: "não consigo absorver o conhecimento sem eu mesma estar lendo. Eu não consigo me concentrar com outra pessoa lendo pra mim. Eu mesma tenho que sentar e tenho que ler".

Ela afirma que as pessoas precisam dar mais informações quando fazem a matrícula na UFJF e mesmo na inscrição para o PISM, para que possa ter seus direitos garantidos. "Eu coloquei só na última prova. Quem fazia a minha matrícula era minha irmã, e ela só colocou mesmo o necessário. As pessoas poderiam escrever mais, se comunicar melhor".

Se considera uma pessoa amiga, carinhosa, reservada e perfeccionista: "quero as coisas direitinho, no lugar, não gosto de ver nada dar errado, se der brecha eu entro pra defender o que tiver que ser defendido, gosto de falar às vezes demais, posso te falar algumas verdades às vezes que, assim sabe, acaba machucando outra pessoa, mas eu não faço por mal". Por isso que, prontamente, pede desculpas quando percebe o excesso.

A disciplina do curso que mais gosta é Comunicação Social, pois tem a oportunidade de aprender como se comportar em público, apresentar um trabalho, lidar com a mídia, com as demais pessoas... E acha muito difícil a disciplina "Pensamento Social", que estuda desde os filósofos clássicos até os contemporâneos.

O que mais ela espera da Universidade é poder trabalhar, exercer a sua profissão, conseguir lidar com a sua deficiência e, como objetivo, planeja trabalhar no Hospital Universitário da nossa instituição.

> Lá no HU a pessoa, o paciente tá precisando de aparelho pra respirar e ele vai ter alta, aí ele é responsável pra procurar aparelhos para aquela pessoa. Entendeu? Remédio, ele é responsável por buscar, buscar não, como é que fala, pra arrumar remédio pra essa pessoa, que esteja precisando. Que seja caro e não está nas condições dessa pessoa.

Thiago da Costa

Quando perdemos o direito de ser diferentes perdemos o privilégio de sermos livres.

Natural de Rio Pomba, Minas Gerais, Thiago, 23 anos, mudou-se para Juiz de Fora, com a mãe, para poder cursar Ciências Econômicas – está no segundo período – na Universidade Federal de Juiz de Fora. "Eu fiz uma pesquisa para eu saber se a ciência econômica tem pouco profissional no mercado e tem o crescimento econômico do país e se iria crescer o número de empregos...", nos informa esse ex-aluno do

IFET[1] – Campus Rio Pomba, que planeja, ao final do curso, prestar um concurso público na área de sua formação.

Sentiu um pouco de dificuldades para entrar no ritmo de estudos que o curso exige, mas sente que o processo de adaptação está bem desenvolvido. Tem um grande apoio dos colegas de turma, que o auxiliam copiando a matéria para ele, fazendo cópia dos assuntos abordados em sala de aula, pois não tem o controle motor fino para poder escrever. Tem Paralisia Cerebral.

Para Thiago, ainda faltam rampas de acesso nos prédios da UFJF, para que todos tenham acesso a qualquer sala ou departamento e sugere que a Instituição poderia ter um projeto de fisioterapia, dentro do Campus, para os alunos com deficiência.

Na opinião de sua mãe, que também participou da entrevista narrativa e o acompanha sempre, falta transporte:

> Porque ele vem sozinho, mas é difícil. Com bolsa para subir no ônibus e eu não posso acompanhar ele todo dia, toda hora da noite. No período chuvoso

[1] Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Sudeste de Minas Gerais.

> é mais difícil ainda. Fora a violência na rua que a gente fica preocupada. A comida não, o pessoal do Restaurante Universitário leva a marmita para ele almoçar lá mesmo na Faculdade. Para ele não cansar muito.

Thiago fala de sua infância e ressalta que conviver na creche com crianças que não tinham deficiência o ajudou a ser o que ele é hoje: uma pessoa que não se limita a sua deficiência, vai além das barreiras impostas.

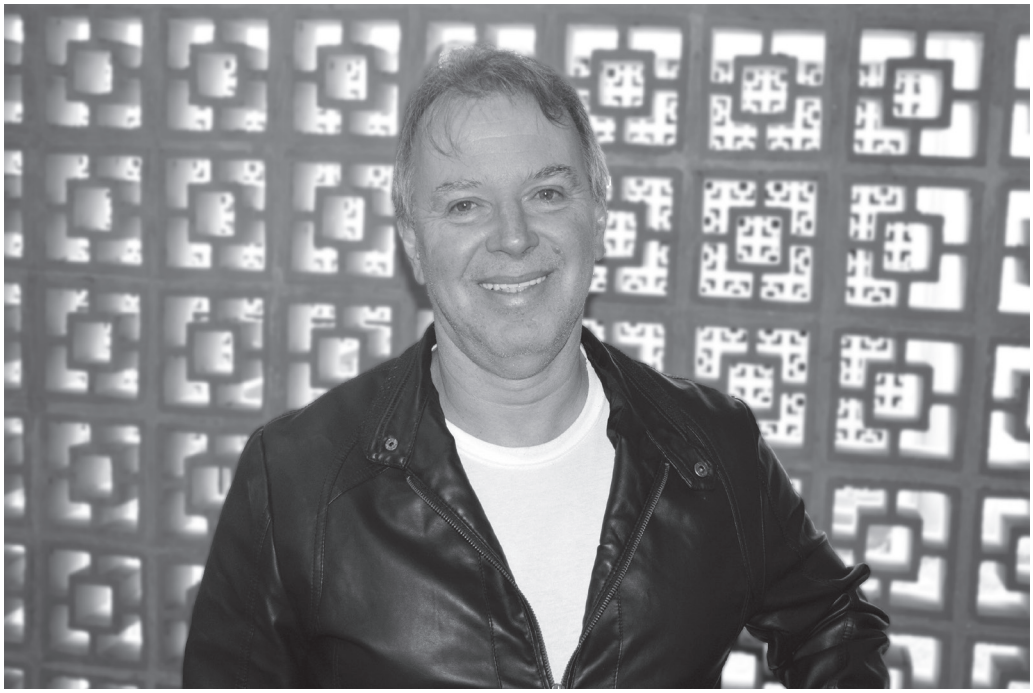
"Conviver com o diferente é ter mais informações", são as palavras que Thiago utiliza para abordar a questão do preconceito. Hoje, se alguém ainda o tem, é por falta de informação. É importante se aproximar e conviver com as pessoas que tenham uma limitação: é esse o diferencial. Percebe que a Universidade tem aumentado o número de matrículas de deficientes e está começando a se preparar para essas pessoas.

Thiago se sente feliz em estudar, e tem na Internet o seu grande parceiro, acessando as redes sociais e estudando também através do computador.

Wladimir da
Matta Stefanol

Embora nenhum de nós possa
voltar atrás e ter um novo começo,
todos nós podemos começar agora
a ter um novo fim.

(Chico Xavier)



Wladimir, 53 anos, aluno do quinto período de Comunicação Social, comerciante, está aposentado por invalidez em função da Degeneração Pigmentar da Retina, uma doença hereditária que leva à visão subnormal de ambos os olhos. É um "*déficit* visual grave, sem possibilidade de melhora", diz. Possui, agora, apenas 10% de visão. Sua hipótese de que tem uma doença hereditária não poe ser provada, porque o pai faleceu em 1992, muito jovem, mas provavelmente possuía o

mesmo problema. Wladimir descobriu sua doença em 2001, quando começou a ter dificuldades para caminhar à noite.

Entrar para a Universidade era um sonho antigo, pois já havia estudado no CTU – Colégio Técnico Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora, entre 1978 e 1980. Em 2000, em um encontro com a então reitora da UFJF, Deputada Federal Margarida Salomão, Wladimir pergunta sobre o autor da frase na entrada da Universidade: "A sua Universidade Pública". Havia perguntado justamente para a autora da frase e o slogan deu-lhe uma sensação de pertencimento, desejou fazer parte daquela história, o que ocorreu em 2010, quando passou em 17º no vestibular da instituição.

A escolha pela Comunicação Social se deu em função de seu gosto pela leitura. Por gostar de escrever poesias, participou e ganhou concursos literários. Para se aprimorar, está cursando uma optativa, "Fundamentos Literários do Jornalismo". Está muito empenhado no trabalho assistencialista e a Comunicação Comunitária ganha cada vez mais espaço em suas preferências.

Adepto do espiritismo, anterior à descoberta de sua doença, tem em Chico Xavier uma grande fonte de inspiração e faz a divulgação a doutrina como palestrante:

> Nas doutrinas espíritas nós temos as palestras públicas, então algumas casas espíritas, algumas vezes, chamam a gente. Geralmente o tema é pré-definido e às vezes tem tema livre também. Na maior parte das vezes chamam a gente no Finados, Natal, temas específicos; mas tem outros que são palestras livres, você pode falar o tema que quiser dentro da doutrina espírita de acordo com a codificação.

Na Universidade, considera que melhorias têm sido feitas para a inclusão de pessoas deficientes, mas ainda tem muita coisa inacessível.

> Eu tenho problema com o computador; não adianta andar com computador, pois, aqui na Universidade, tem lugar que não pega a *internet;* outro dia, falei com a professora no laboratório que meu computador não está acessando mais, está com algum problema e ninguém resolveu nada.

Em relação ao Caefi, considera que a sua criação foi uma inovação e que toda iniciativa em prol de benefícios para os alunos deve ser apoiada.

> Em relação à acessibilidade, tem muita coisa para se fazer ainda na Universidade; acho que promover algumas palestras com os estudantes, dizer que entre vocês, talvez você não saiba, do seu lado, pode ter uma pessoa que tenha alguma deficiência. É, pode ter deficiência na educação, na maneira de tratar as pessoas, têm vários tipos. No ônibus, eu desisti de almoçar no RU por causa disso, porque entrar no ônibus e te empurram não respeitam, então eu vou em casa almoço, faço um lanche; não vou mais no RU, quantas vezes já derrubaram a minha bandeja, então eu acho que é complicado, é muito difícil.

Entretanto, Wladimir foi bem acolhido pelos colegas de turma, mais jovens que ele. "Com os colegas, é como eu disse no primeiro dia de aula, me deram a oportunidade de falar e eu disse que idosos e portadores de deficiência não precisam de pena. Precisam de respeito". E eles compreendem e colaboram na medida do possível. Fez as disciplinas de Direito Constitucional para poder compreender como as leis são construídas e os direitos adquiridos.

O apoio da família foi fundamental. As cobranças foram somente no início da doença, quando derrubava algo ou esbarrava em algum objeto, mas agora todos compreendem. Wladimir treina muito, sempre ultrapassando os limites que são impostos pelas arquiteturas, nada acessíveis, ou então pelos preconceitos das pessoas.

Define-se como uma pessoa que está sempre lutando, buscando, tentando provar para si mesmo que é capaz de muitas conquistas, que não desanima com as barreiras impostas pela sociedade.

Seu maior desejo, diz, é "devolver a minha aposentadoria de um salário mínimo para governo, porque eu quero trabalhar". Acredita que poderá voltar ao mercado de trabalho em uma área em que possa escrever artigos. "Uma área em que eu não precisasse se locomover muito, porque o complicado é ficar andando. Já fui cinegrafista em alguns trabalhos da faculdade e é complicado demais, as pessoas não têm educação, não te respeitam para você subir num ônibus, empurram, é muito difícil".

3

Coordenação de Acessibilidade Educacional, Física E Informacional (Caefi/UFJF)

Lívia Fabiana Saço

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção.

(Pra não dizer que não falei das flores – Geraldo Vandré)

A proposta de trazer os depoimentos neste livro, a partir das entrevistas com os alunos deficientes da Universidade Federal de Juiz de Fora, surgiu no contexto de se "Fazer História", contar suas histórias, dificuldades, realizações, superações – coletivas ou individuais – e a vivência peculiar de cada um; conversar/ dialogar sobre os atos, ideias , projetos, ambição... Enfim, o objetivo era trazer as trajetórias de vida e superação dos entrevistados.

Neste livro intitulado: *Eu faço parte desta história*: inclusão na Universidade Federal de Juiz de Fora. apresentamos, a história de vida de pessoas que fazem parte da UFJF. Os relatos contidos no livro trazem esta particularidade: ter o dom de escutar, ouvir de coração aberto o que o outro tem para falar, ofertar e que, muitas vezes, se encontra, encoberto pelo silêncio, no sussurro e na solitude.

Essas muitas vivências vieram repletas de significados transpostos nas entrevistas. O convite para a participação, muitas vezes, foi rejeitado pelo simples fato de não se querer falar, não querer se expor, não querer se expressar e mostrar ao mundo o seu eu. Mas esse "EU", que fora muitas vezes renegado, hoje tem a voz e a vez de mostrar ao outro, ao vizinho, ao colega de turma, ao mundo sua presença e sua vida.

Observamos, a partir do conteúdo dessas entrevistas a necessidade de se expor ao mundo "as diferenças" e fazer "a diferença" para, então, se (re)significar enquanto pessoa, cidadão, aluno e, apesar de alguns atropelos da vida (e quem não os tem), mostrar que estão aqui, em seus lugares – na universidade.

Enriquecida e agradecida pelas inúmeras conversas que preencheram várias tardes durante as entrevistas, observei

que momentos como esses são encobertos pelas delicadezas das palavras de todos esses “amigos” que aqui contaram um pouco de si.

Tentamos transpor a riqueza destas experiências no conteúdo deste livro e, assim, delinear a história desses Universitários que estão abrindo caminhos para muitos que ainda virão.

Rita de Cássia Guedes Brito (Secretária da Caefi)

"Deficiente" é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.

(Mário Quintana)

Rodeada de janelas de vidro, uma pequena sala se destaca dentro da biblioteca central. Seguindo uma estradinha colorida, podemos adentrar num novo mundo, acessível e tecnológico. Essa é a Caefi: uma sala multifuncional assistida pelo que de mais moderno em equipamentos e softwares para auxiliar e facilitar a permanência das pessoas com deficiência na UFJF.

Na sala estão disponíveis 2 (dois) computadores com recursos acessíveis capazes de atender usuários com qualquer tipo de deficiência, além de materiais pedagógicos tais como: globos terrestres táteis, garras para apanhar objetos, publicações e jogos em Braile entre outros. Contamos também com 2 (duas) impressoras em Braille, que fazem os serviços de impressão solicitados pela universidade e pela comunidade em geral.

Apesar de uma extensa divulgação para o conhecimento do púplico, a sala multifuncional ainda é pouco visitada e utilizada pelos alunos. Uma média de 3 (três) casos nos chegam por mês, mesmo assim, é muito gratificante saber que a partir de nossos encaminhamentos muitos problemas são resolvidos.

A Caefi, além de projetos de extensão e mini-cursos, oferece todos os meses um evento denominado "Encontro: Gritos de mudança", em que um convidado tem a oportunidade de "gritar" e discutir com a comunidade acadêmica temas atuais que lhe causam incômodo. A partir desses debates, várias questões já receberam encaminhamento para solução.

Participamos de eventos da UFJF, de outras instituições e de escolas com trabalho de conscientização sobre os conceitos de deficiência, acessibilidade e tolerância. Conceitos esses, poucos trabalhados com crianças e jovens no mundo de hoje. Acreditamos que esse é um passo importante para a aceitação das diferenças e, com isso, a construção de uma sociedade realmente inclusiva. As crianças podem experimentar por alguns minutos atividades físicas e esportivas vivenciando as dificuldades, limitações e principalmente as potencialidades de diferentes deficiências.

A equipe da Caefi se orgulha por estar diariamente acompanhando e orientando os alunos com deficiência e toda a comunidade universitária, seja através de campanhas educativas ou pelo atendimento individualizado.

Pessoalmente, me sinto mais realizada a cada dia. A oportunidade de vivenciar novas e distintas experiências promove um crescimento profissional e pessoal muito significativo, pois o deficiente está saindo, mesmo que aos poucos, de sua zona de conforto e vem mostrando que tem "eficiências" e exigindo seu direito de estar inserido de forma efetiva em todos os setores da sociedade atual.

4

Relatos dos alunos-bolsistas da Caefi

Danilo Pereira dos Santos (acadêmico do curso de Engenharia Civil/UFJF)

Historicamente a produção científica e o meio acadêmico compõem um universo intangível para os surdos, de modo que na condição de usuário da Língua de Sinais Brasileira, em conjunto com a Coordenação de Acessibilidade Educacional, Física e Informacional (Caefi) podemos ser a interseção entre dois mundos.

Diante disso, é uma felicidade estar inserido em um ambicioso e clarividente projeto, em que atuamos como agentes na construção de possibilidades.

Felipe Alhadas Cordeiro (acadêmico do curso de Engenharia Civil/UFJF)

Felipe, quando começou a trabalhar na Caefi, pensou que seria apenas mais um projeto, mas, ao se deparar com os desafios apresentados reparou que mudaria a sua vida. Ajudar

o próximo sempre foi o seu lema, mas ajudar pessoas com dificuldades é muito mais revigorante.

Bolsista da Caefi, suas atividades auxiliam os deficientes a se adaptarem à Universidade, de modo a se tornar um ambiente acessível para todos. Porém, a acessibilidade vai além de rampas e elevadores, são necessárias várias ações para que a acessibilidade ocorra plenamente.

Na Caefi, existem softwares e periféricos que ajudam as pessoas com os mais diferentes tipos de dificuldades – realmente uma acessibilidade assistida para/por todos no singular momento de sua vida.

Com certeza, todo esse tempo de bolsista da Caefi, também foi importante para a profissão de Felipe, que nunca deixará de lembrar se uma obra está acessível, ou se pessoas com deficiências terão facilidade de se locomover, localizar ou estar plenamente confortável naquele ambiente projetado. É muito gratificante conhecer a Caefi, porque a bagagem oferecida é muito maior, é um amadurecimento do ser humano e também o respeito ao próximo.

Jerry Fernandes de Souza (acadêmico do curso de Filsofia/UFJF)

Se há uma característica peculiar em minha vida profissional, é o fato de eu sempre estar desempenhando atividades que me levam a estar direta ou indiretamente em contatos com pessoas. E, de alguma forma, essas mesmas atividades tinham e, até o momento atual, têm por finalidade a resolução de dificuldades pertinentes à área em que trabalho.

Por essa razão, poderia dizer que toda a minha trajetória em atividades sociais de práticas voluntaristas convergiu para que eu procurasse no campo profissional, algo que se assemelhasse ao que de fato me desse prazer.

Assim, a experiência com o humano, seja pessoalmente ou via telefone, sempre norteará minha carreira e, porque não dizer, toda a minha vida. Se me perguntasse em como definir minha vida, diria que é um constante Relacionar; é um exercício constate da mais explícita alteridade.

Por essa razão, não me vejo cursando outra faculdade que não seja a de filosofia. Somente ela me faz ver o meu mundo correlacional de forma formativa e insubstituível e é

por essas e outras que digo que meu momento acadêmico é o complemento para minha vida até então.

No que concerne à Caefi, esta é mais um viés das minhas relações com o humano, tão característico em mim, por falar do eu Deficiente e de todas as temáticas inseridas no constante aprendizado desde mundo vivido em meio a superações; em meio a quedas – literalmente – pois o sensível ao olhos, na maioria das vezes é, sim, essencial à evolução do ser homem, do ser mulher e, principalmente, do ser criança, que pode se mirar naquele que cai, mas se levanta, dando seguimento a sua caminhada.

Assim, a Caefi é hoje em minha vida a oportunidade a mais de me fazer ouvir e lutar – embora eu sinta não estar contribuindo o tanto quanto gostaria – para que outros mais percebam o quanto somos exemplos de que a Diferença é o essencial em meio à unanimidade conformista. Ser acadêmico e participar desta Coordenadoria de Acessibilidade Educacional, Física e Informacional é, sem dúvida, aprender de forma profissional a "coordenar" melhor nossos campos de ação; é destacar a importância de uma "educação" das gerações de agora, no intuito de ver gerações futuras bem melhores em questões de "acessibilidade"; é ressaltar de forma "física" e "informacional" o quanto somos profissionais quando o assunto perpassa as questões de acessibilidade plena para todas as pessoas.

Hoje, profissionalmente e academicamente, a Caefi é o que me leva a pensar filosoficamente em formas empíricas de ser sensível à falta de acessibilidade em sentido Físico, Educacional e Informacional desse humano desorientado pelo o essencial, que salta aos nossos olhos.

Rafael Mascarello (acadêmico do curso de Engenharia Civil/ UFJF)

A Caefi é uma porta de entrada para os alunos com deficiência da UFJF, proporcionando acessibilidade e transmitindo informação, integrando melhor os alunos à comunidade acadêmica.

Como profissional, trabalhei com software e equipamentos que me deram uma nova visão de inclusão. Participei de palestras e transcrições de entrevistas que me fizeram conhecer diversos olhares da deficiência.

Portanto, esse trabalho me fez crescer muito tanto na vida profissional quanto na pessoal, pois me mostrou outras realidades e experiências.

Ramon Cezário Lamas (acadêmico do curso de Ciências Exatas/UFJF)

Trabalhar na Caefi representa um crescimento interior. Nossa visão é bem fragmentada em relação à dificuldade alheia e trabalhar aqui me fez enxergar a vida com outra percepção, obtive um conhecimento a mais. É saber que todos nós somos diferentes e aprender a respeitar cada diferença. Aprendi a ajudar não só os deficientes, mas, sim, qualquer um que apresente alguma barreira que eu possa ajudar a ultrapassar. Irei carregar essa experiência por toda minha vida profissional e social, e com certeza, serei um profissional melhor, com uma visão menos fragmentada e também estarei mais preparado para as futuras dificuldades, pois aprendi, com alguns deficientes, uma palavra: superação.

Rosiane Lopes Pereira (acadêmica do curso de Serviço Socia/UFJF)

A Caefi, para mim foi e sempre será um lugar de mudanças na minha vida e de aprendizado, tanto

academicamente quanto e principalmente, socialmente. Aqui, podemos dizer, é uma Escola da Vida, em que as histórias de cada um me motivam a lutar, a sempre dar o melhor de mim, é um lugar sobre o qual e eu posso afirmar que somos uma família de respeito, em que ser diferente é bom.

Sara Helena Gonçalves Vieira (acadêmica do curso de Enfermagem/UFJF)

A Caefi é importante para o meu desenvolvimento como acadêmica e futura profissional. Eu faço parte do projeto há quase quatro anos e, durante esse tempo, tive a oportunidade de vivenciar as diversidades sociais existente e, também, a possibilidade de trabalhar com essas diferenças. A partir de um olhar amplo sobre o contexto dos alunos da universidade federal, tive a oportunidade de atuar como um elo desses estudantes com alguma limitação física e a universidade, local de sua inserção e vivência.Tenho certeza de que a Caefi me ofereceu a oportunidade de me tornar uma pessoa mais reflexiva e atenta às pessoas, atuando como um agente de modificação do contexto desses alunos.

Scarlate Vieira (acadêmica do curso de Enfermagem/ UFJF)

A Caefi foi de grande aproveito durante minha graduação. Foi através da Caefi que pude conhecer e entender os diversos tipos de deficiências e necessidades dessas pessoas. É válido reconhecer a importância que a Caefi possui e a necessidade da convivência com as diferenças dos outros e como essas diferenças podem nos ajudar em um crescimento intelectual e um aprendizado pessoal. Através desse projeto de treinamento, pude fazer minha opção de pré-projeto de desenvolvimento do tcc em minha área, abordando também um tipo de deficiência, cujo tema é como a linguagem visual auxilia no desenvolvimento da comunicação de crianças portadoras de autismo.

A Caefi me auxiliou no carinho e desempenho desenvolvidos para o atendimento de pessoas que possuam qualquer deficiência e, a partir disso, como posso ajudá-las passando informações necessárias do âmbito da ufjf e, exclusivamente, das atividades que a Caefi desenvolve atualmente e seus serviços. Através da Caefi, pude receber um amadurecimento intelectual,

pessoal e profissional em todos os assuntos que abordem as necessidades sofridas por qualquer deficiente.

Thais Almeida Magalhães Maurício (acadêmica do curso de Engenharia Civil/ UFJF)

Trabalhar na Caefi é minha oportunidade de estar em um meio voltado a atender às requisições de pessoas com necessidades especiais. Por ser irmã de uma criança deficiente e, assim, conviver desde pequena com pessoas das mais variadas deficiências, sempre tive a vontade de poder ajudar de alguma forma para a maior independência dessas pessoas. Assim, vi na oportunidade de ser bolsista da Caefi uma forma de dar suporte a essas pessoas dentro do meio universitário. Tenho certeza de que o aprendizado aqui será levado para meu futuro profissional, porque como sou aluna de Engenharia Civil, terei uma visão mais ampla na questão de acessibilidade e mobilidade, além de lidar com pessoas deficientes no dia a dia do trabalho.

ENGENHARIA

[...] Viver em sociedade é um desafio porque às vezes ficamos presos a determinadas normas que nos obrigam a seguir regras limitadoras do nosso ser ou do nosso não-ser... Quero dizer com isso que nós temos, no mínimo, duas personalidades: a objetiva, que todos ao nosso redor conhece; e a subjetiva... Em alguns momentos, esta se mostra tão misteriosa que se perguntarmos - Quem somos? Não saberemos dizer ao certo! Agora de uma coisa eu tenho certeza: sempre devemos ser autênticos, as pessoas precisam nos aceitar pelo que somos e não pelo que parecemos ser... Aqui reside o eterno conflito da aparência x essência. Nunca sofra por não ser uma coisa ou por sê-la... E você...
O que pensa disso?
Que desafio, hein?

Clarice Lispector

Este Livro foi impresso no verão de 2014, composto pelas fontes da família Adobe Garamond Pro e AvantGard, com o miolo sobre papel OffSet 90g/m² e capa em cartão supremo 240g/m² pela gráfica XXXXX.